



FILHOS DE IMPÉRIO E PÓS-MEMÓRIAS EUROPEIAS
CHILDREN OF EMPIRES AND EUROPEAN POSTMEMORIES
ENFANTS D'EMPIRES ET POSTMÉMOIRES EUROPÉENNES

Sábado, 25 de agosto de 2018



s/t (da série *C'est pas facile*) | 2016 | Mauro Pinto

DUAS REMINISCÊNCIAS DA GUERRA COLONIAL

Vasco Luís Curado

Artilharia

O homem contou-me como foi a *sua* guerra colonial. A meio do curso de Matemática, que ele fazia sem pressas, mobilizaram-no para a tropa, graduaram-no em oficial de artilharia, para fazer cálculos para os disparos de obus, e mandaram-no para um aquartelamento no mato do Norte de Angola. Era o oficial mais desleixado da guarnição: mal fardado, a boina sempre mal posta. Diziam dele que parecia que andava noutro mundo – talvez o mundo abstracto da matemática, que lhe ocupava o espírito e o distraía das coisas terrenas e imediatas. No



aquartelamento, havia bocas-de-fogo gigantescas que disparavam projecteis até centenas de quilómetros. Entregavam-lhe dados e ele, debruçado sobre os mapas, armado de régua e esquadro, determinava coordenadas, velocidades, triangulações. Era respeitado porque os seus cálculos nunca falhavam o alvo. Estava nisto toda a manhã, finda a qual entregava uma folha com os dados referentes a cada boca-de-fogo. Ia almoçar e, às três da tarde, ia dormir, coisa que o comandante lhe autorizava, e era então que começava o tiroteio. Os canhões disparavam, com um troar medonho, e ele dormia. As explosões atroavam no céu, faziam tremer o chão as paredes, e ele dormia. Fez assim toda a comissão, dois anos e meio. De vez em quando era elogiado pela devastação que os obuses, em resultado dos seus cálculos, provocavam no inimigo. Um dia, um obus inimigo arrasou a sala onde ele trabalhava. Toda a gente pensou que o oficial dos cálculos certos estava morto nos escombros. Afinal, tinha sentido vontade de urinar e fora à casa de banho. Veio juntar-se àqueles que procuravam o seu cadáver e, numa frieza que a todos espantou, manifestou uma grande indignação pelo estado em que ficaram os seus mapas e os seus apontamentos desbaratados. Perto do fim da comissão, o comandante do batalhão fez uma proposta para que o matemático infalível recebesse um louvor assinado pelo general da região militar em que o quartelamento estava inserido. O texto já estava alinhavado quando se soube que um dos seus cálculos recentes levava à destruição de um marco geodésico centenário, feito por portugueses de antanho e considerado monumento de interesse nacional. O comandante do batalhão enviou um *fax* a perguntar se fora por negligência que se destruíra um monumento histórico; fazia alusões à gesta heroica daqueles que nos tinham antecedido em terra africana, que tinham conquistado, palmo a palmo, novas províncias para Portugal, “para levar a civilização e a religião cristã a raças que viviam no paganismo”, dizia o comandante do batalhão. Tudo por causa do marco geodésico centenário. O oficial, ainda não formalmente louvado, limitou-se a responder ao seu comandante directo, que brandia o boletim do *fax* na mão: “As coordenadas do marco estavam aqui, nos papéis...” Deram-lhe o louvor. Contou-me isto, para concluir: “Queria eu lá saber das bombas e dos obuses!” Calculo que o seu interesse sempre tenha sido a matemática, o plano bidimensional que se jogava nas folhas e nos mapas. A consequência disso, a destruição levada ao inimigo, era-lhe indiferente. Há pessoas assim, que quando sobrevivem a um terramoto ou a uma explosão apenas se preocupam em sacudir a calça das suas roupas. Delas se diz que são as que têm mais sorte.



Dentaduras postiças

Na sala de espera do dentista, eu ouvia a conversa de três velhos, desses que gostam de falar das suas dentaduras postiças e chegam a retirá-las da boca e a exibi-las, para serem melhor compreendidos.

Dois deles descreviam as várias maneiras como perderam cada dente, e como a dentadura postiça aumentara em consequência disso. Repararam no silêncio do terceiro velho, que, por fim, disse: “No meu caso, foi uma bala.”

Contou que combateu na guerra colonial e o seu pelotão caiu numa emboscada. Eles e os camaradas saltaram dos veículos, estenderam-se no chão e ripostaram ao inimigo, disparando às cegas para um capim cerrado a cem metros do ponto onde estavam. De repente, foi atingido por qualquer coisa na boca, que sentiu como uma pedrada. Pareceu-lhe que estava a trincar objectos estranhos. Cuspiu para o chão: da boca que sangrava, saltou uma bala e vários dentes. Ao ver isto, assaltado por uma raiva súbita, esqueceu toda a prudência e avançou em campo aberto em direcção ao capim, a correr, a urrar e a disparar. Habitara-se a suportar a mutilação e a morte dos companheiros sem perder a cabeça, mas não podia aceitar um golpe que o obrigasse a cuspir os próprios dentes. Como se dissesse: “Os dentes é que não! Quem me dá cabo dos dentes tem de se haver comigo.” Os camaradas disseram-lhe mais tarde que, ao vê-lo assim, oferecendo o peito às balas, pensaram que estavam a ver um filme. Também o inimigo deve ter ficado pasmado, porque, apesar de tentar, não conseguiu abatê-lo.

Os outros dois velhos, que perderam os dentes com cáries, ao longo dos anos (e que, note-se, não foram à guerra), esconderam as suas dentaduras artificiais atrás dos lábios cerrados.

Vasco Luís Curado é escritor e psicólogo. O seu romance *O País Fantasma* (Publicações Dom Quixote, 2015) retrata a sociedade colonial, a guerra e a independência de Angola.